



RECOMEÇO DA GERAÇÃO BABY BOOMER (1946 - 1964)

Sonhos não envelhecem

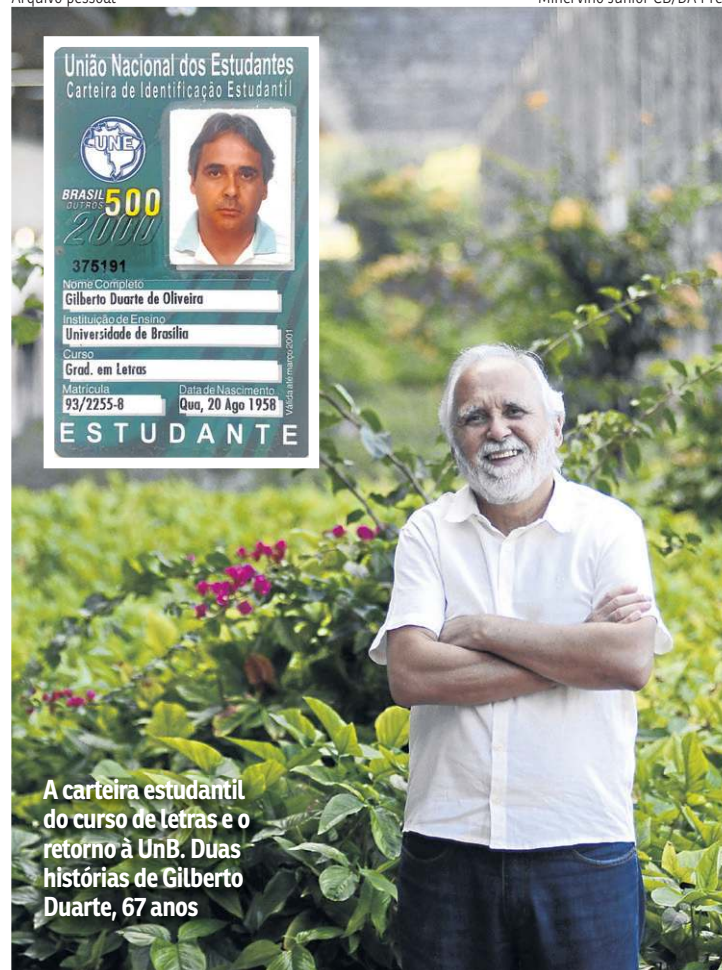
» MARÍLIA MILHOMEN

De um lado, a pressa juvenil de quem quer desbravar o mundo; de outro, a calma de quem sabe o gosto que o mundo tem. Gilberto Duarte, 67 anos, é a personificação da frase. Na década de 1990, esteve no câmpus da UnB como estudante de letras, hoje, volta como um futuro jornalista. A palavras, que sempre o acompanharam na vida, serão as companheiras do futuro. Por muitos anos, foi professor autônomo, revisor de texto e tradutor. Aos 50 anos, decidiu que queria estabilidade na vida e foi aprovado no concurso público da antiga Fundação Nacional da Saúde (Funasa). “Quería um pouco mais de tranquilidade. Quando a gente é autônomo, ganha um mês mais, no outro, menos. Eu queria estabilidade financeira”, ressaltou.

A vida o presenteou com uma função na Agência Nacional de Proteção de Dados (ANPD) para trabalhar diretamente com a Lei Geral de Proteção de Dados (LGPD) e do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA Digital). “A Agência estava sendo estruturada e estavam precisando de servidores. Como eu sempre gostei de desafios, topei ir. Eu sou muito curioso, e sempre gostei de conhecer um pouco sobre tudo”. No fim do ano de 2025, com a aposentadoria batendo a porta, Gilberto decidiu que queria continuar conhecendo, ainda mais, as palavras e prestou o vestibular 60+. Nas redes sociais, escrevia para o seu blog e para o seu perfil no Instagram *@conhecimentosimplificado* e surgiu a ideia de cursar jornalismo. “Nas letras, a vertente é mais gramatical. Eu sempre fiquei observando a atuação dos jornalistas e, agora, serei

Arquivo pessoal

Minervino Junior CB/DA Press



A carteira estudantil do curso de letras e o retorno à UnB. Duas histórias de Gilberto Duarte, 67 anos

um”. Ao seu lado, a companheira Maria Rita, que com os olhos encantados conduz as poses e faz as gravações para o instagram.

Pós-graduada em gerontologia, Ana Rita atuou na transição dos trabalhadores para a aposentadoria. “A gente se conheceu tem 15 anos, e eu o apoio em tudo. Hoje, vê-lo investir na educação é uma realização profissional também”, afirmou. A notícia aos filhos veio de uma forma jornalística. “Ao todo, temos quatro filhos e quatro netos, que vivem em algumas cidades do Brasil. Quando soube do resultado, fiz um vídeo e encaminhei para eles. Nossos filhos são nossos amigos, e foi uma felicidade só.”

Com o início das aulas, a expectativa é conhecer os jovens e o coração de avô está pronto. “Respeito muito todas as pessoas, professores e futuros colegas. Não quero ser o dono da verdade, mas transmitir o que sei do mundo. Não passei na vaga de ninguém, conquistei uma vaga que estava me esperando.” Para quem acha que o tempo passou, a história de amor e profissional de Gilberto são a prova de que nunca é tarde para recomeçar a vida.

Minervino Junior CB/DA Press



Geralda Terezinha, 66 anos: “Vai ser um prazer compartilhar experiências”

Lição de uma veterana

Com a chegada dos 144 calouros do vestibular 60+, alguns papéis foram invertidos: a caloura de ontem assume o papel de anfitriã. Com a força de quem venceu o frio na barriga da aprovação, Terezinha Geralda, 66 anos, se prepara para abrir as portas da universidade para os novos colegas universitários. Ela diz estender a mão a quem, assim como ela, escreverá mais um capítulo especial em suas vidas.

Um chá para a alma

Com um sorriso tímido, olhar atento e caminhar sereno, Terezinha Geralda da Silva está pronta para acolher os novos colegas de faculdade. “Vai ser um prazer receber todo mundo e poder compartilhar experiências”, afirma. Na roupa da veterana, uma flor rosa que demonstra o seu carinho e cuidado com a natureza. “Eu amo os jardins da UnB. Foi o que me encantou quando cheguei aqui.” Em

2025, o jornalismo entrou em sua vida como uma forma de conhecer o mundo. Agora, cursando o terceiro semestre sabe o que quer. “Quero aprender sobre tudo e conhecer muitos lugares. O jornalismo vai me levar até eles”, disse.

As plantas sempre estiveram presentes na vida de Terezinha, e o chá, companheiro de todos os dias, é o assunto predileto da universitária. “Tem cidreira e capim santo que eu mesma planto em casa. Estão todos convidados para tomar um chá e conversar sobre a vida” disse.

Moradora da QNJ, em Taguatinga, Terezinha encontra um empecilho para conquistar o diploma: o transporte público. “Não tem linha direto da UnB para Taguatinga Norte e, às vezes, é bem difícil sair das aulas e ir para casa. Mas isso não vai me fazer desistir”, afirmou. Ambientada ao meio universitário, ela garantiu aos calouros que a idade é ralmente só um

número. “Eu nunca sofri nenhum tipo de preconceito, pelo contrário, muitos me ajudam em vários momentos”, lembra. A diferença de gerações está dentro da sala e os desafios, também. A estudante de jornalismo e colega de sala de Terezinha, Isabela Brito, 19 anos, afirmou que os conhecimentos trocados entre gerações é o que torna especial. “É uma troca de experiência muito especial, eles têm vivências que nos fazem sair da nossa bolha. São opiniões e de realidades muito diferentes”, refletiu a jovem.

Preencher a folha definitiva da redação com mãos que carregaram filhos, netos e uma vida inteira de trabalho é um ato de pura coragem. Em 10 de agosto, iniciam as aulas dos calouros da maturidade e, para esses estudantes, a universidade não é uma promessa de carreira ou de enriquecimento financeiro. É um acerto de contas com o próprio destino.